



CCB

**BÚFALOS  
DE PAU MIRÓ  
ARTISTAS UNIDOS**

**18 A 29 SET 24**

**CENTRO DE ARTES  
PERFORMATIVAS E  
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro

Black Box

Qua a sex, 20h / Dom, 17h

M/12

Duração 1h30



Acessibilidade: Sessão de 29 de setembro com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

## **BÚFALOS DE PAU MIRÓ**

Tradução **Joana Frazão**

Com **Gonçalo Norton, Joana Calado, João Estima,**

**Nuno Gonçalo Rodrigues e Rita Rocha Silva**

Cenografia e figurinos **Rita Lopes Alves**

Assistência de cenografia **Francisco Silva**

Luz **Pedro Domingos**

Som **Rui Rebelo**

Assistência de encenação **Américo Silva e Inês Pereira**

Encenação **Pedro Carraca**

Coapresentação **Centro Cultural de Belém, Artistas Unidos**

Foto de capa:

©Jorge Goncalves

*«Há muitas maneiras de uma pessoa se afundar,  
não se afundar é uma delas, por exemplo.»*  
Pau Miró, *Búfalos*

*Búfalos*, um espectáculo sobre a sobrevivência, individual e em grupo. A sobrevivência perante os outros, mas também perante a mudança da realidade que nos rodeia. Física e afectivamente. Os descendentes das *Girafas* e dos *Leões*, os esquecidos, mas também aqueles a quem o futuro pertence.

**Pedro Carraca**  
(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

## **Pau Miró: «Na Catalunha não sobrou nada a que se agarrar com sustentabilidade»**

**por Pierre Gelin-Monastier**

11 de abril de 2018, in *Profession Spectacle*

Nascido em Barcelona em 1974, Pau Miró é ator, autor e encenador. Após um diploma em interpretação obtido no Institut del Teatre de Barcelona, voltou-se gradualmente para a dramaturgia. Em 2008-2009, escreveu uma trilogia «animal», composta por *Búfalos*, *Leões* (Teatro Nacional da Catalunha, 2009) e *Girafas* (Festival Grec, 2009), que recebeu o prêmio da crítica na categoria Melhor Texto Teatral. Estas três peças, traduzidas por Clarice Plasteig Dit Cassou, foram publicadas pela Espaces 34 em 2013-2014. Encontro.

### **Como chegaste à escrita teatral?**

Desde muito pequeno que escrevo sainetes, *sketchs*, novelas curtas, contos... é algo que me acompanha há muito tempo. Comecei a estudar no Institut del Teatre de Barcelona para me tornar ator. José Sanchis Sinisterra, que era meu professor na época, apresentou-me a possibilidade de fundir a ansiedade do palco com a ansiedade da escrita. Ele quebrou as barreiras que eu tinha em tornar essas duas atividades conciliáveis.

### **A sua primeira grande obra traduzida para o francês é a trilogia animal, publicada pela Espaces 34: *Búfalos*, *Leões* e *Girafas*. Quais foram as etapas que precederam esta tripla criação?**

A primeira obra a obter algum sucesso foi *Plou a Barcelona* (*Chove em Barcelona*). Foi nesta ocasião que conheci a minha tradutora, Clarice Plasteig Dit Cassou: ela traduziu este texto, com a ajuda da Maison Antoine Vitez, mas ainda não foi publicado em França. Esta peça fez-me descolar em Barcelona e no exterior: foi traduzida e produzida em vários países.

### **Como descreveria a identidade e, mais especificamente, a escrita catalã?**

É uma pergunta que nós, autores catalães, nos colocamos muito, inclusive através de reuniões, conferências... A melhor resposta que tenho atualmente, mas que pode mudar em dois anos, é que a identidade catalã existe por uma coincidência: num determinado momento da história, houve uma excitação comum e o surgimento de uma geração de escritores.

### **Isto está ligado ao fim do franquismo?**

Não, não exatamente. O deserto do franquismo foi seguido por outro deserto, durante quase 25 anos. A mudança não aconteceu num piscar de olhos. Foi no início da década de 1990 que surgiu a dramaturgia catalã, com duas grandes figuras: Sergi Belbel e Lluïsa Cunillé.

### **Fala de um teatro de textos... mas ainda existiam, nas décadas de 1970 e 1980, Josep Maria Benet i Jornet e José Sanchis Sinisterra.**

Benet i Jornet e Sanchis Sinisterra são as duas figuras tutelares da transição. Eles viveram esta travessia do deserto, sobrevivendo num mundo que lhes era hostil; o reconhecimento só viria mais tarde, principalmente na década de 1990.

### **Em particular, houve a criação da Sala Beckett, em 1989, que permitiu esta renovação...**

Foi um evento muito importante. Num certo sentido, se Sergi Belbel e Lluïsa Cunillé são para mim os pais da dramaturgia catalã contemporânea, Benet i Jornet e Sanchis Sinisterra são os avós. Quanto às crianças, são muitas...

### **Bertolt Brecht falou da fábula como elemento fundamental da estrutura dramática. Intitula a sua peça *Búfalos* como «uma fábula urbana». Por que, entre todas as possibilidades que a ficção oferece, escolheu a fábula?**

Esta forma da fábula, utilizada na trilogia, é uma exceção, não só no cenário dramático contemporâneo, mas também na minha própria produção. Esta forma particular permitiu-me questionar todos os aspetos do género e encontrar formas narrativas de os expressar.

### **Poderia ter optado por um universo paralelo, um mundo de ficção científica ou fantasia, em que as personagens seriam seres humanos desviados, com superpoderes ou imersos num universo fantasioso e utópico. Porém, prefere os animais... O que quer demonstrar com essa escolha?**

Naquela época, eu morava no Raval, um bairro de Barcelona originalmente formado por pessoas marginalizadas, mas onde chegavam cada vez mais pessoas ricas. No mesmo lugar, existem, portanto, ambos os grupos desadaptados, até mesmo antissociais, e de alta cultura. Muitas comunidades vivem próximas umas das outras, sem se misturarem. Parece-se um pouco como uma reserva, com rebanhos diferentes, matilhas diferentes, com espaços bem definidos. Assisti a muitos documentários sobre animais na época e reconheci no comportamento de um determinado animal um vizinho, até mesmo uma comunidade de pessoas. Existem raízes, um fluxo comum.

**O sacrifício da criança, lançada ao pasto, é um tema tradicional desde a Antiguidade até aos dias de hoje: pensamos nestes jovens entregues ao Minotauro até na intervenção de Teseu e Ariadne, ou mesmo de Abraão, pronto a sacrificar o seu filho Isac em obediência a um Deus que quer testar a sua fé, mas que lhe retém o braço no último momento. O que é que esse mito traz hoje?**

Não é principalmente a abordagem a um mito, mas a uma realidade escandalosa. Isto aconteceu no Raval: uma família muito pobre enviou um dos seus filhos, de 11 anos, para passar as tardes com um homem. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu, mas factos horríveis vieram à tona... O julgamento recebeu forte cobertura mediática. Isso teve um grande impacto em mim, porque tudo aconteceu perto de onde moro. A realidade precisa de ficção para digerir a monstruosidade. Primeiro foi feito um documentário a partir dessa história sombria, depois escrevi a minha peça.

**Além de transpor situações humanas para o mundo animal, qual a unidade desejada para a sua trilogia?**

As três peças são pontos de vista de uma mesma realidade, tipicamente catalã. Estamos a falar de um drama específico do nosso tempo: as girafas representam a geração dos nossos avós, os leões são os nossos pais, os búfalos correspondem à nossa geração. Esta trilogia é, portanto, essencialmente um drama geracional. As girafas comunicam-se por meio de infrassons, ondas sonoras inaudíveis ao ouvido humano. A questão é, portanto: como é que as girafas transmitiram o seu silêncio às novas gerações?

**Significa isto que as girafas são a geração de Franco, vítimas da censura, enquanto os leões são a geração que se seguiu imediatamente ao fim do regime de Franco e partilhou os restos mortais?**

Sim, é exatamente isso. Penso também que a ordem certa para ler a trilogia é exatamente a inversa da sua escrita e da sua publicação: *Girafas*, depois *Leões* e finalmente *Búfalos*.

**Se prefere os búfalos, em vez das ovelhas, será para evitar considerar a nova geração do ponto de vista da única vítima?**

Bastante. Os búfalos são vítimas de predadores — neste caso, leões — mas também próprios predadores. São fortes, imponentes, impressão reforçada pela ideia de grupo, de comunidade unida. Eles sabem defender-se, instintivamente.

**A encenação de *Búfalos* de Édouard Signolet, no âmbito da primeira edição do festival Barcelona en scène, ensinou-lhe alguma coisa sobre a sua própria peça?**

Ao ver a peça, vários elementos, que até então eu considerava secundários, revelaram-se para mim. Por exemplo, nesta produção, o pai existe mesmo, concretamente, diretamente, quando eu o fiz existir mais, na escrita, através dos ruídos, através do som da guitarra elétrica... funciona bem: o personagem e a humanidade de cada personagem, especialmente a do pai, é melhor destacada.

**Em que é que a crise espanhola, que se expressa de forma particular na Catalunha, o inspira como dramaturgo? Que escrita suscitam estes eventos?**

Todos os paradigmas mudaram. Como autor, gostaria de mostrar esta transição da imobilidade total para a impossibilidade de qualquer forma de estabilidade. O que pensávamos ontem já não se aplica hoje; o que pensamos hoje será provavelmente questionado amanhã. Todos os pontos de referência estão perturbados.

**Como uma loucura que se apodera de todos, depois da imobilidade do deserto tártaro...**

Sim é isso. Parece impossível avançar em direção a qualquer realidade. Este movimento frenético e incessante causou o colapso de todos os códigos. Tudo em que confiávamos foi destruído. Não há mais nada a que se agarrar a longo prazo. Não podemos mais segurar nada.

Assistência de tradução: **François Vila**

## **Pau Miró**

Pau Miró nasceu em Barcelona em 1974. É licenciado em Arte Dramática pela Escola Superior d'Art Dramàtic — Institut del Teatre. Dramaturgo, argumentista e encenador. A sua peça *Plou a Barcelona*, dirigida por Toni Casares, na Sala Beckett, em 2004, teve um amplo reconhecimento internacional, tendo sido traduzida para castelhano, italiano, francês, polaco, português e inglês. A peça teve estreia no Teatro Nuovo de Nápoles em 2007, e no Piccolo Teatro de Milão, em 2008. Transformou-se em guião cinematográfico com adaptação de Carles Mallol e Pau Miró, sob a realização de Carles Torrents. Pau Miró colaborou também em guiões televisivos e radiofónicos, trabalhou como ator em várias produções e apresentou os programas *No n'hi ha prou* e *Bohèmia*, no Canal 33. Em 2013, recebeu o Prémio UBU para melhor texto estrangeiro com *Jogadores*. Em 2016, a peça *Vitória* estreou no Teatro Nacional da Catalunha. Em Portugal, os Artistas Unidos fizeram uma leitura de *Chove em Barcelona*, texto que viria a ser estreado, em 2012, pelo Teatro Experimental do Porto, com encenação de Gonçalo Amorim e interpretação de Maria João Pinho, Paula Moura Lopes e Romeu Costa. Em 2015, os Artistas Unidos estrearam *Jogadores*, no Teatro da Politécnica, com interpretação de Américo Silva, António Simão, João Meireles e Pedro Carraca e com encenação de Jorge Silva Melo, que veio a dirigir a versão televisiva realizada em 2017.

## **Gonçalo Norton**

Formou-se na ACT — Escola de Atores. Participou em *Rei João* de William Shakespeare, com encenação de António Pires. Nos Artistas Unidos, participou em *Lua Amarela* de David Greig (2021) e *Girafas* de Pau Miró (2024).

## **Joana Calado**

Completoou o Curso Profissional de Atores da ACT — Escola de Atores, onde fez formação com Nuno Nunes, Sofia de Portugal, Pedro Carraca, Elsa Valentim, Sara de Castro, Miguel Fragata, Petronille de Saint-Rapt, Luís Madureira, António Pires, entre outros. Fez algumas participações em cinema e televisão. Em 2021, esteve em cena nos Recreios da Amadora e na Casa dos Direitos Sociais com a peça *Fora do Quadrado* e em 2023 no Teatro do Bairro com a peça *Ópera do Malandro*. Nos Artistas Unidos, trabalhou em *Europa* de David Greig (2023).

## **João Estima**

É formado na ACE e licenciado na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC). Em 2013, produziu e interpretou *O Inventor de Ideias*, com texto e encenação de Ricardo Alves. Trabalhou com António Capelo, António Júlio, Joana Providência, João Paulo Costa, Maria do Céu Ribeiro, Victor Hugo Pontes, André Guedes, Esperanza Lopez e Oskar Gómez-Mata. Nos Artistas Unidos participou em *O Grande Dia Da Batalha* de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018), *Do Alto da Ponte* de Arthur Miller (2018) e *Emília* de Claudio Tolcachir (2019).



### **Nuno Gonçalo Rodrigues**

É diplomado pela ESTC. Em 2013, em conjunto com João Pedro Mamede e Catarina Rôlo Salgueiro, funda OS POSSESSOS. Trabalha desde 2013 com os Artistas Unidos, tendo participado, mais recentemente, em *Birdland* de Simon Stephens (2021), *A Circularidade do Quadrado* de Dimítris Dimitriádis (2021), *A Omissão da Família Coleman* de Claudio Tolcachir (2023), *Adam* de Frances Poet (2023), *Europa* de David Greig (2023) e *Girafas* de Pau Miró (2024).

### **Rita Rocha Silva**

Iniciou a sua formação como atriz em 2009, no Curso de Artes do Espetáculo da Jobra, e licenciou-se em 2015, na ESTC. Em teatro trabalhou com vários artistas como Ana Borralho e João Galante, Miguel Moreira e Romeu Runa, João Garcia Miguel, Tónan Quito, Maria João Luís, Jorge Silva Melo, Mário Coelho, Marta Pazos, Alex Cassal, Pedro Baptista, Pedro Alves, Tiago Vieira, Pedro Carraca. Em cinema trabalhou com Tiago Guedes, Mário Barroso, João Botelho, Luís Galvão Teles, Pedro Cabeleira, Frederico Serra, Jorge Paixão da Costa. Em dança, com Aldara Bizarro. Frequentou a Academia de Dança Ana Luísa Mendonça e deu continuidade a essa formação com Vera Mantero, Francisco Camacho, Peter Michael Dietz, Lara Guidetti, Yael Karavan. Nos Artistas Unidos, participou em *Birdland* de Simon Stephens (2021), *Morte de um Caixeiro Viajante* de Arthur Miller (2021), *Lua Amarela* de David Greig (2021) e *Europa* de David Greig (2023).

### **Rita Lopes Alves**

Trabalhou com Jorge Silva Melo desde 1987. Assinou o guarda-roupa de vários filmes de Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa, Cunha Teles, Alberto Seixas Santos, Pedro Caldas, Teresa Villaverde, Carmen Castelo Branco, José Farinha, Teresa Garcia, Fernando Matos Silva e António Escudeiro. É, desde 1995, a responsável, nos Artistas Unidos, pela cenografia e figurinos.

### **Pedro Domingos**

Trabalhou com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de quase todos os espetáculos dos Artistas Unidos. Trabalha regularmente com o Teatro dos Aloés. É membro fundador da Ilusom e do Teatro da Terra, sediado no Seixal, que dirige com a atriz Maria João Luís.

### **Rui Rebelo**

Tem formação clássica e de jazz, tem desenvolvido a sua atividade profissional como multi-instrumentista, compositor, professor, encenador e ator; trabalhando maioritariamente para teatro, dança e audiovisuais. Em teatro trabalhou enquanto músico ou ator para vários encenadores, tais como: António Pires, Claude Krespin, Claudio Hochman, Fernando Mora Ramos, Francisco Salgado, François Berreur, Franzisca Aarflot, João Brites, João Lourenço, John Mowat, Jorge Silva Melo, José Carlos Garcia, José Peixoto, Miguel Seabra, Natália Luiza, Nuno Carinhas, Rui Mendes e Sofia de Portugal, entre outros. Foi elemento fundador da Companhia do Chapitô e do Teatro dos Aloés. Com mais de uma centena

de atuações em palcos internacionais, tem feito da internacionalização um dos principais meios de divulgação dos seus espetáculos, tendo atuado e dado formação em mais de 20 países.

### **Inês Pereira**

Estreou-se no teatro em 2004 no Teatro Tapa Furos, tendo entretanto trabalhado como atriz e, por vezes, assistente de encenação com os Primeiros Sintomas, o Teatro da Terra, o Teatro Experimental do Porto, o Teatro do Eléctrico, Causas Comuns, Ruínas com diretores como Bruno Bravo, Sandra Faleiro, Gonçalo Amorim, Maria João Luís, Ricardo Neves-Neves e Carlos Marques. É ainda vocalista do Conjunto Vigor. Nos Artistas Unidos, participou em *A Máquina Hamlet* de Heiner Müller (2020), *A Circularidade do Quadrado* de Dimítris Dimitriádis (2021), *Lua Amarela* de David Greig (2021) e *Europa* de David Greig (2023).

### **Américo Silva**

Trabalhou com Ávila Costa, José Peixoto, João Lagarto, Carlos Avilez, Rui Mendes, Diogo Dória, Depois da Uma... teatro?, Francisco Salgado, Manuel Wiborg e no cinema com Jorge Silva Melo, Alberto Seixas Santos e Miguel Gomes. Colabora com os Artistas Unidos desde 1996, tendo participado em *A Máquina Hamlet* de Heiner Müller (2020), *Morte de um Caixeiro Viajante* de Arthur Miller (2021), *Vida de Artistas* de Noël Coward (2022), *Terra de Ninguém* de Harold Pinter (2022), *A Omissão da Família Coleman* de Claudio Tolcachir (2023) e *Europa* de David Greig (2023).

### **Pedro Carraca**

Trabalhou com António Feio, Clara Andermatt, Luís Miguel Cintra, João Brites, Diogo Dória e Maria do Céu Guerra. Integra os Artistas Unidos desde 1996. Participou em *A Coragem da Minha Mãe* de George Tabori (2020), *Birdland* de Simon Stephens (2021), *Lua Amarela* de David Greig (2021), *Taco a Taco* de Kieran Hurley e Gary McNair (2022), *Terra de Ninguém* de Harold Pinter (2022), *Proximidade* de Arne Lygre (2022), *A Omissão Da Família Coleman* de Claudio Tolcachir (2023), *Europa* de David Greig (2023) e *Leões* de Pau Miró (2024).

**21 SET**

**HOMENAGEM A JORGE SILVA MELO  
COM MIGUEL LOBO ANTUNES**

Moderação de Francisco Frazão (Diretor artístico do Teatro do Beirro Alto)

A peça *Búfalos*, de Pau Miró, será apresentada pelos Artistas Unidos e integrará uma homenagem ao encenador Jorge Silva Melo, um dos fundadores da companhia e figura incontornável do teatro português. A homenagem contará com a presença de Miguel Lobo Antunes, gestor cultural que esteve envolvido em várias iniciativas culturais de relevo em Portugal. Silva Melo, que deixou um legado profundo no teatro e cinema português, fundou os Artistas Unidos em 1995, transformando a companhia num pilar da produção teatral independente.

Sábado, 17h00

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen

**Entrada gratuita**



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2024-2025

